

IV Simpósio do Ijusp

Jung e o cinema

“Diálogo entre o puer e o senex” –  
um curta metragem sob o olhar junguiano.

Cinema é uma forma de manifestação artística cuja tela em suas projeções, permite acesso às verdades mais profundas da alma. Suas imagens evocam sentimentos e podem conduzir o espectador em um curto espaço de tempo, ao encontro com seu mundo interior.

Segundo John Beebe, o cinema a partir de suas cenas e imagens, permite a projeção psíquica, num impulso de realização, criação de consciência e auto-conhecimento. Convém lembrar que segundo Jung, a projeção é o primeiro passo e um eficaz recurso para ampliação de consciência.

Os filmes despertam emoções que evocam imagens internas, provocando a abertura a níveis inconscientes e levando o espectador à sua própria simbolização.

Como um espelho da psique, as imagens na tela remetem a um mundo atemporal do inconsciente coletivo – muitas vezes conduzindo o espectador à aventura fascinante do encontro consigo mesmo.

Como nas imagens omníricas, cujo processo natural é o visual, o cinema é um lugar especial para a análise psicológica, onde telas tornam visível o que antes era obscuro pela representação consciente.

Disse Jung (1954 b p265)

“Não nos iluminamos ao imaginarmos figuras de luz, mas sim ao tornarmos a escuridão consciente.”

Para Ismael Xavier, docente da escola de Comunicações e Artes da Usp, a obscuridade no cinema foi organizada para isolar o espectador e embrulhá-lo em negro, dissolvendo resistências diurnas e acentuando o fascínio da sombra. Em estado hipnótico o espectador não dorme, mas permanece numa atitude que propicia o devaneio. Assim acontece na ausência de participação prática, uma intensa participação afetiva acontecendo uma verdadeira identificação entre a alma do observador e a projeção na tela. Não se exprimindo por atos, ele se interioriza e participa ativamente com investimentos intelectuais e emocionais, numa experiência cinematográfica estética.

Nesta concepção do estético, o cinema tem uma posição especial pois nele o mundo exterior perdeu seu peso, libertando-se do espaço, do tempo e da causalidade, ajustando os eventos às vivências interiores de memória, imaginação e emoção.

As imagens de um filme como foi dito anteriormente, ao serem como sonhos e devaneios, trazem uma forma de contemplação importante e o contato com conteúdos inconscientes. A realidade arquetípica da psique através da sonoridade e dinamismo das imagens projetadas, se revela nos afetando. Assim, o cinema se torna então um espaço imaginal onde o inconsciente flui por ele mesmo, numa verdadeira imaginação ativa. Ele é o lugar onde a psique pode ser experienciada.

Há oportunidade de que a vivência a partir do olhar, induza à uma nova e inesperada consciência em quem assiste.

Sérgio Telles, psicanalista e escritor, fala da mecânica psíquica do cinema que se aproxima da psicanálise, ao reforçar a idéia de que nossos sonhos pensam essencialmente através de imagens.

Para ele, uma pessoa se faz analisar no cinema, deixando que apareçam e falem todos seus espectros.

Os personagens de um filme e suas tramas falam de um drama existencial vivenciado, com seus desejos, angústias e medos. Uma vida em movimento que pede para ser vista

e escutada. Um ouvido que acompanha o curso de uma fala. O cinema lida com a imagem, a linguagem e a expressão dos mais diferentes estados da alma, apontando idéias, sentimentos, afetos, sofrimentos e dores.

Assim, os filmes se transformam num celeiro das imagens psicológicas do nosso tempo. Eles exercem sobre as platéias contemporâneas, as mesmas funções que as tragédias exerciam sobre os gregos do séc. V – Jacques Derrida, importante filósofo francês, disse que a percepção cinematográfica não tem equivalente, senão por ser a única que pode fazer compreender a partir da experiência, o que é uma prática psicoterápica. Representando, simbolizando e criando sentido ao que era inominável, permite aos homens olharem e se reconhecerem.

Gostaria agora de colocar um filme curta-metragem (13 min) para que possamos rapidamente assisti-lo e conversar um pouco sobre a história contada.

Título:

Dona Cristina perdeu a memória

Direção e roteiro de Ana Luíza Azevedo através da casa de cinema de Porto Alegre

Pós – projeção:

Antonio, um menino de 8 anos brinca no quintal de sua casa e ao tentar construir uma “pequena ponte” para passar com sua bicicleta, cai em várias tentativas.

Ao lado do quintal onde brinca Antonio há um outro quintal ocupado por idosos, provavelmente de uma clínica de repouso.

A cada dia e nova tentativa, vai acontecendo a interação de Antonio e D. Cristina, vizinha anciã, que lhe observa e vai conversando sobre o passado: pessoas, fatos e experiências. Constela-se o arquétipo puer e senex, onde a criança pela repetição, elabora e aprende e o idoso resgata, relembra, e preserva uma memória. Memória esta que cria vínculos e é traduzida a cada dia e a cada encontro, em escuta e afeto.

À medida em que Antonio vai ouvindo fatos relatados por D. Cristina, acontece uma aproximação e surge a intimidade e a confiança.

O arquétipo do puer está ligado ao arquétipo criança enquanto símbolo de esperanças futuras e brotamento de possibilidades da vida. São os elementos animadores, encantadores e revigorantes da experiência humana.

O arquétipo do senex, junta-se ao do velho sábio, trazendo a reflexão e a sabedoria, numa outra qualidade de ação, não mais nos ímpetos fálicos do herói, mas na quietude e numa força interna que fortalece e guia –

Puer/ Senex, eixo relacional tão vital no desenvolvimento psicológico, nos coloca no eterno ciclo das mudanças e aprendizagens que acontecem ao longo de toda nossa vida.

A criança precisa desenvolver as dinâmicas arquetípicas do velho, tais como limites e ponderações e as pessoas que envelhecem não podem abrir mão da busca da espontaneidade e da criatividade.

Se nos tornarmos unilaterais, há vivências negativas para as duas polaridades.

A riqueza do puer traz possibilidades de mudanças e de renovação;

Mas a efetivação vem com a sabedoria do senex que traz sentido a todas as experiências. Puer e Senex apresentam duas qualidades opostas do tempo: o tempo cronológico do senex que tudo devora e o kairós do puer que impulsiona a investigar,

buscar e transgredir. Essas polaridades fornecem a vivência para se entender a história como um processo através do tempo: começo, meio e fim.

Diz Bachelard:

“A infância permanece em nós como um princípio de vida profunda, de vida como possibilidade de sempre recomeçar. Podemos atravessar sem envelhecer, todas as idades do homem, da infância à velhice. A infância dura a vida inteira. É ela que vem animar amplos setores da vida madura, nos vivificando.”

Para Hillman:

“O senex assim como o puer pode aparecer em muitos estágios e fases e influenciar qualquer complexo... nossas atitudes pueris não são exclusivamente da juventude, assim como nossas qualidades senis não estão reservadas à velhice.”

No final do filme, D. Cristina pede a Antonio que guarde alguns objetos significativos para ela. A criança e o jovem podem ser guardiães de um tesouro, ajudando a manter viva uma história.

D.Cristina com sua experiência e sabedoria no final do episódio, constrói com uma tábua de madeira, uma ponte, ajudando Antonio com sua bicicleta, a atravessar de um pólo ao outro.

Finalizando – gostaria de citar a colega Dulcinéia Monteiro que disse:

O ciclo da vida nos traz a consciência de que somos seres de passagem e que na espiral do tempo há diferentes etapas - nascer, crescer, aprender, envelhecer e morrer – partes do processo de individuação de se tornar cada vez mais, si mesmo.